

## **ARTE NA ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO PIBID/ARTES VISUAIS – UNESC**

### **ART IN SCHOOL: EXPERIENCE REPORT OF PIBID PROJECT / VISUAL ARTS – UNESC**

#### **Silemar Maria de Medeiros da Silva**

Mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)  
Professora no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)  
Coordenadora Geral do Arte na Escola - Polo da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)  
Coordenadora de área do PIBID de Artes Visuais Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)

#### **Fabrício Agnes Rodrigues**

Especialista em Educação Estética pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)  
Professor de artes da Rede Municipal de Ensino de Criciúma

#### **Paula Oliveira da Silva De Lucca**

Acadêmica da 5ª fase do Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)  
Bolsista PIBID de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)

#### **Juliana Pereira Guimarães**

Acadêmica da 7ª fase do Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)  
Bolsista PIBID de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)

Para que serve a arte? Essa foi a primeira pergunta formulada à um grupo de acadêmicos de Artes Visuais Licenciatura/UNESC que assumiram o compromisso com um projeto chamado PIBID - Artes Visuais. A escrita que segue tem como desafio relatar experiências vivenciadas por esse grupo no segundo semestre de 2012 no exercício de evidenciar questões relativas ao ensino da arte na escola. Sobre a primeira pergunta, podemos dizer que ela provoca, instiga e estimula nossos sentimentos, descondicionando-os, isto é, retirando-os de uma ordem preestabelecida e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e de se organizar o mundo, conforme defende *Katia Canton* (2009, p. 12). No exercício desse provocar é que vamos traçando o presente relato de experiência.

O Projeto PIBID – Artes Visuais/UNESC surgiu da necessidade da conexão entre a Universidade e o ambiente escolar, oportunizando assim que o acadêmico amplie seu conhecimento de como ocorre o processo de ensino e aprendizagem, observando como a práxis se concretiza na sala de aula, a partir da análise do observado, através das discussões e pesquisas contribuindo de maneira significativa com novas possibilidades de práticas da arte na escola. Momento em que se amplia a possibilidade de aprender dos alunos, dos acadêmicos e do professor de artes da escola, assim como dos coordenadores envolvidos nesse processo.

Nosso grupo é formado por um coordenador institucional, coordenadora de área, professor supervisor e dez bolsistas do curso de Artes. O projeto iniciou no segundo semestre de 2012. A princípio com reuniões semanais na Universidade para definirmos o foco de ação para o desenvolvimento desta proposta. As reuniões semanais eram repletas de discussões da prática pedagógica, dos conteúdos curriculares, relatos de experiências em sala de aula, de sugestões e contribuições que eram compartilhadas com os acadêmicos.

Nesses encontros na universidade os acadêmicos também conheceram o PPP da Escola, a parte física, funcional e pedagógica, assim como o planejamento anual do Professor Supervisor, que foi avaliado, discutido, sugerido e (re)elaborado sob a orientação da coordenadora de área. Um exercício presente que caminha da perspectiva do que coloca Alarcão, ou seja “A ideia do professor reflexivo, que reflete em situação e constrói conhecimento a partir do pensamento sobre a sua prática, é perfeitamente transponível para a comunidade educativa que é a escola”.( 2010, p. 47-48).

Sendo assim, através de observações e pesquisas, os acadêmicos contribuíram com as aulas do professor supervisor, enquanto aprendiam o ofício de professor de artes, por ter sido uma troca de experiências e conhecimentos, os acadêmicos/bolsistas conheceram melhor como o processo de ensino e aprendizagem ocorre, observaram o olhar do aluno para a disciplina de artes e a experiência individual de cada integrante deste projeto considerando a construção do seu olhar para profissão a partir da relação teoria e prática. Para Hernández, a vivência com a prática educação aliada à reflexão é fundamental, ou seja:

[...] nas práticas educativas, especialmente nos momentos de reflexão em torno delas, consideramos as emoções que envolvem os estudantes: Como me senti? Que aprendi na escola? Que aprendi dos alunos? Que aprendi dos meus colegas? Que aprendi de mim mesmo? Essas perguntas ajudam o estudante a se colocar na realidade observada para a elaboração de suas compreensões emocionais. (HERNÁNDEZ, 2005, p.36)

A proposta deste projeto entende a formação do professor como um processo contínuo, ele inicia com a trajetória do acadêmico na faculdade, envolve os estágios e as diferentes experiências que conseguir agregar. Se estende neste percurso como uma construção de identidade – nesse caso em específico – partindo das artes visuais que é a especificidade da área em diálogo com outras linguagens como dança, música, teatro. A experiência do PIBID é algo que vem somar à experiência da graduação, amplia-se a compreensão da importância da sua profissão enquanto professor de artes e passa por uma transformação através do conhecimento sobre si e sobre o outro. O envolvimento do grupo

nos encontros do Arte na Escola tem acrescentado à esse grupo no sentido de ampliar olhares sobre a realidade da escola, esse envolvimento aconteceu a partir do II Circuito de Oficina de Artes promovido pelo Arte na Escola Polo UNESCO no final do semestre de 2012, atualmente o PIBID já participa regularmente das reuniões do Arte na Escola (primeiro semestre de 2013) como quem assume a responsabilidade pela sua própria formação.

É necessário neste processo compreender os estudantes como sujeitos históricos sociais que trazem seu repertório suas vivências e marcas, assim o aprendiz de professor ensina e também aprende com a fala das crianças. Nesse sentido iniciamos essa escuta a partir de discussões teóricas sobre a concepção de infância/criança pautadas no que diz Clarice Cohn (2005), Sônia Kramer (1996) e Maria Isabel Leite (1999), ou seja: partimos da compreensão de que a criança é um sujeito ativo, alguém que enquanto aprende, ensina. Precisávamos aprender o que as crianças compreendiam por arte, ou por aulas de arte. Foi então que a partir de uma entrevista informal com meninos e meninas no intervalo do recreio os acadêmicos sentavam com os pequenos e conversavam a partir de questionamentos direcionados pela pergunta: o que é arte para você? O que você aprende nas aulas de artes?

As respostas foram surgindo e apontando para os últimos conteúdos trabalhados, como consta nas duas falas apresentadas a seguir:

*Dá muita criatividade para a pessoa, não é só desenhar, pode ser a nossa imaginação. As aulas de artes são legais, cada aula a nossa imaginação flui e também o professor é legal e deixa nós fazer desenho livre. (Erik, 8 anos).*

*Às vezes o professor deixa a aula livre. Ele dá grafite, perspectiva. Gosto da aula de artes. Desenhar melhor, pintar. A arte é expressão de alguém que quer falar alguma coisa no desenho. Quero aprender a desenhar mais, a desenhar grafite. (Geisiel, 8 anos)*

As falas das crianças apontam questões importantes, os acadêmicos se surpreenderam pela compreensão pontuadas pelas crianças com relação a arte e aos encontros de arte na escola. As crianças evidenciam na fala o que muitas vezes, levamos muito tempo para perceber: a importância da imaginação, da liberdade na hora de produzir artisticamente, da valorização do gosto, da importância da afetividade e que arte é expressão, arte comunica. Ficou fortalecida nesse exercício de se aproximar de meninos e meninas, a importância de ouvi-los. Com relação aos conteúdos trabalhados, muita coisa foi discutido e ampliado, como a evidência que o professor trazia para a linguagem do desenho e muito foi apreendido com relação a própria relação professor e aluno. A importância do não direcionamento, do deixar

“livre” orientado por uma proposta com objetivos claros e bem construídos. E você: já perguntou aos seus alunos o que eles acham da aula de artes? O que eles compreendem por arte?

O processo de formação é algo contínuo na vida do professor, esse exercício de escuta da voz da criança faz parte dessa formação, é necessário estarmos sempre nos atualizando acompanhando a transformação do mundo e da sociedade, ser pesquisador buscando novas possibilidades de trabalho através das tecnologias para contribuir ativamente no processo de ensino e aprendizagem sobre arte. São desafios constantes que no dizer de Oliveira e Hernández:

O tema formação de professores não é um tema muito debatido e pouco investigado na atualidade em um mundo mediado por representações visuais que contribuem para criar discursos utilitários, é preciso outra bagagem tanto teórica quanto procedimental, para melhorar a mediação entre professores e alunos e criar novos entornos de aprendizagem. (2005,p.10)

Os novos entornos dessa aprendizagem vão se construindo em um processo de conhecimento pessoal, enquanto se constrói com o outro. A escola é um ambiente que está em constante transformação, que é muito mais que somente um espaço físico, mas um lugar de construção de identidades, de sujeitos críticos.

### O ambiente escolar

O primeiro contato dos bolsistas com a Unidade Escolar (EMEF. Dionízio Milioli) foi através de uma apresentação teatral. Os bolsistas elaboraram um roteiro com o desafio de apresentar o PIBID para os alunos da escola de forma que os mesmos participassem ativamente da peça. Falar um pouco desse momento é algo que nos motiva a acreditar em uma relação de encantamento que estreita o papel da arte na escola com o interesse das crianças em participar e aprender. O grupo utilizou uma mala com um tapete de contação de histórias e, de forma lúdica reproduziu com imagens, a história do projeto para as crianças e os seus professores. Era uma história cantante que chamava a plateia para fazer parte do enredo. A relação com as crianças se inicia somada a concepção de criança/infância que o grupo vai construindo, relação esta que se estampa na escrita de Clarice Cohn, no diz que, “Crianças são atores não por serem intérpretes de um papel que não criaram, mas por criarem seus papéis enquanto vivem em sociedade”. ( 2005, p.20-21).

Estudos teóricos caminharam em paralelo aos relatos trazidos da escola para ajudar a compreender o perfil dos alunos e o papel da arte na escola. O estudo sobre concepção de infância motivou os acadêmicos a iniciarem a pesquisa com as crianças a fim de perceber o que elas compreendem por arte e em específico o que aprenderam sobre arte nas suas aulas de artes até o momento na escola? Ouvir as crianças foi fundamental, pois, como afirma Cohn “A criança não sabe menos, ela sabe outra coisa” (2005, p.33) e o que o grupo percebeu é que precisávamos discutir mais e melhor sobre pesquisa e sobre criança, além é claro de ampliar um conhecer sobre arte e sobre ensino da arte. Os desafios só aumentavam, criando eco nos Trabalhos de Conclusão de Curso de alguns dos bolsistas do PIBID que, entre outras questões, dão voz às crianças.

Ao perguntar aos acadêmicos, o que eles compreendiam sobre criança, as respostas apontavam para uma criança ideal, pura, ingênua e feliz. Um olhar a criança a partir de um senso comum, constatou-se que havia uma visão distorcida sobre a criança, uma visão romântica. Encontramos em Kramer (2006) razões para ampliarmos o conhecimento sobre a infância, sobre a criança para que pudéssemos fazer dos encontros com arte e com elas algo realmente significativo. Para a autora:

[...] Vivemos o paradoxo de possuir um conhecimento teórico complexo sobre infância e de ter muita dificuldade de lidar com populações infantis e juvenis. Refletir sobre esses paradoxos e sobre a infância hoje, é a condição para planejar o trabalho na creche e na escola e para implementar o currículo. (KRAMER, 2006, p.14)

Desta forma o conceito de criança/infância foi se (re)construindo na fala dos bolsistas do PIBID, mas de que crianças estamos falando? Como compreendemos a concepção de infância no contexto contemporâneo?

Falamos aqui de uma antropologia da criança e não da infância. Isso porque a infância é um modo particular, e não universal, de pensar criança. O estudo histórico de Philippe Ariés sobre “A criança e a vida familiar no Antigo Regime” mostra que a idéia de infância é uma construção social e histórica do Ocidente. (COHN, 2005, p.19.)

Começamos assim, a compreender que diante desta questão é necessário perceber em que contexto esta criança está inserida, sendo que a visão romântica da infância deve ser revista e que a escola é um lugar de múltiplas infâncias, sendo que é necessário um olhar atento sobre esta questão para não menosprezarmos o conhecimento ou mesmo rotular certos comportamentos que não são inerentes a todas as crianças que convivem, muitas vezes, em

contextos culturais diferentes. Para Cohn (2005, p. 30), “Quando a cultura passa a ser entendida como um sistema simbólico a ideia de que as crianças vão incorporando-a gradativamente ao aprender ‘coisas’ pode ser revista.” Cabe a escola ampliar possibilidades de melhor compreender esse sistema simbólico no qual a criança vive. O ensino da arte é uma área de conhecimento que pode e deve trazer o contexto como um ponto de partida para que a criança possa educar seus sentidos, seu olhar sobre o mundo e a arte propriamente dita.

A questão deixa de ser apenas como e quando a cultura é transmitida em seus artefatos (sejam eles objetos, relatos ou crenças), mas como a criança formula um sentido ao mundo que a rodeia. Portanto, a diferença entre as crianças e os adultos não é quantitativa, mas qualitativa; a criança não sabe menos, sabe outra coisa. (COHN, 2005, p.30).

Durante o desenvolvimento deste projeto (PIDID), os acadêmicos bolsistas sentiram-se mais confiantes e foram ampliando sua interação com os alunos, participando no desenvolvimento das atividades propostas pelo professor supervisor. Partindo da compreensão de que “Logo ao nascer, passamos a viver em um mundo que já tem uma história social de produções culturais que contribuem para a estruturação de nosso senso estético”. (FUSARI e FERRAZ, 1993, p.16). Para as autoras o professor “deve atuar como mediador de conhecimento em arte (...), tomando as vivências dos estudantes como ponto de partida para novos saberes a serem aprendidos”. (Idem, p. 21). Sem perdermos de vista que “É o conhecimento em arte e sua elaboração que deverá mobilizar cotidianamente o nosso caminhar com a formação estética e artística junto a crianças e jovens na escola.” (Idem, p. 22).

As mudanças com relação à concepção de infância em específico, sai de uma fala como a da acadêmica Gêssica, no que diz que: “ser criança é viver em um mundo lúdico, onde brincar, dormir, ver ‘bonequinho’, pintar sem regras faz parte do seu dia-a-dia.” Para ela – naquele momento – “a criança é um ser inocente”. Depois dos debates, dos textos, dos estudos a partir também do filme “Crianças Invisíveis”<sup>1</sup> essa fala começa a se estruturar de uma outra forma, a exemplo do que pontua Mariana – acadêmica/bolsista do PIBID: “Ser criança é ter direitos e deveres [...]. As vezes a realidade realmente é cruel, só não podemos fechar os olhos e fingirmos não ver, deveríamos agir. Às vezes me pergunto como, pois não dá de alcançar o mundo com as próprias mãos e tentar resolver tudo, mas talvez para um início seria como Cohn (2005,p. 45) diz ‘acriança é um sujeito social pleno’.”

## **Das atividades desenvolvidas**

No desenvolvimento das atividades com as crianças, sob supervisão do professor na escola, elas aconteceram a partir da reelaboração do projeto junto à coordenação de área na UNESC. Fizemos recortes para evidenciar propostas relacionadas ao cinema e ao grafite, na qual percebemos uma maior participação e integração dos alunos.

Os conteúdos propostos foram: cinema: arte em movimento e grafite na arte rupestre e posteriormente as atividades desenvolvidas foram fruto de um momento de observação, análise e reflexão sobre a experiência em sala de aula e sobre o olhar atento do Professor supervisor e bolsistas, para que as crianças pudessem falar sobre suas produções e apreciar as produções dos colegas – momento esse que passa a ser mais valorizado na escola.

Durante as aulas, através de diversas atividades, era perceptível sentir as ações e reações dos bolsistas e alunos do ensino fundamental I e, perceber a integração, o interesse, a participação, o carinho e respeito que desenvolveu uns com os outros durante este projeto. O encantamento dos bolsistas se evidenciou a partir de sua ação direta na reelaboração do projeto junto ao professor supervisor. O envolvimento das crianças foi algo marcante, encontrando eco em uma proposta que não negligenciou a ludicidade e a fantasia.

Observa-se assim, a oportunidade enriquecedora dos bolsistas estarem inseridos no ambiente escolar, antes da conclusão da graduação da sua licenciatura, compartilhando experiências para sua formação docente. Essa oportunidade de estarmos discutindo teoricamente a experiência vivenciada na escola é para Fernando Hernández (2005, p. 61) algo de real importância, para o autor “a função da teoria: ilustrar, iluminar, embasar nossas ações, deixar-nos mais confiantes a respeito da nossa prática. Oferecer-nos esquemas mentais para melhor compreendermos nossos atos pedagógicos”. Desta forma aprendemos sobre diferentes concepções – criança, infância, arte, ensino da arte – expectativas e medos no exercício de um aprender no e com o coletivo, evidenciando o espaço da escola como um real espaço de aprender e ensinar.

## **Um projeto significativamente enriquecedor para todos**

No final da última aula de arte daquele ano (2012), o Professor supervisor iniciou uma conversa com as crianças para que elas relatassem sua experiência com o PIBID em relação às atividades desenvolvidas. Os alunos demonstravam-se ansiosos para falar, cada qual com a mão levantada esperando sua vez. Falas que estampam o que ficou dessa experiência para elas.

O professor Fabrízio deixa a escola em dezembro de 2012 e registra sua opinião sobre o projeto na época e é com esse registro que encerramos esse relato, esperamos que essa experiência – a qual se faz forte na formação do grupo de que dela faz parte – crie eco também na formação de outros tantos acadêmicos(as) e professores(as) de artes.

*Como professor supervisor, participar do desenvolvimento deste projeto foi uma grande experiência educacional, em todos os sentidos, pois além de ter solidificado a ponte entre a universidade e a escola, também proporcionou a reflexão educacional da prática docente e das metodologias no ensino da arte, assim como as diversas questões em pauta contextualizadas hoje no espaço da escola. (Fabrízio – Professor supervisor.*

Vivenciar essa experiência com os acadêmicos bolsistas do PIBID de Artes Visuais e sua relação com as crianças na escola, tem sido um desafio compensador para todos e todas, no qual a relação do ensinar e aprender estão cada vez mais próximos, ampliando olhares como os que temos sobre as crianças, no sentido de que “[...] as crianças não são apenas produzidas pelas culturas mas, também produtoras de cultura. Elas elaboram sentidos para o mundo e suas experiências compartilhando plenamente de uma cultura” (COHN, 2005, p. 35). Nesse sentido a experiência aponta para novas páginas de uma história que se amplia a partir de melhor garantir o direito dos alunos graduandos e das crianças com relação à arte e ao ensino da arte.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Cucinotta, M. G., Tilesi, C., Veneruso, S. (Produtores), Charef, M., Lund, K., Kusturica, E., Charef, M., Veneruso, S., Woo, J.; Lee, S., Scott, J., Scott, R. (Diretores) (2005). Crianças invisíveis. [filme]. França/Itália.

## REFERÊNCIA

CANTON, Katia. *Espaço e lugar*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. - (Coleção temas da arte contemporânea)

ALARCÃO, Isabel. *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo e FUSARI, Maria F. de Rezende e. *Metodologia do ensino de arte*. São Paulo: Cortez, 1993.

OLIVEIRA, Marilda de Oliveira; HERNANDEZ, Fernando (org.) *A Formação do Professor e o Ensino das Artes Visuais*. Santa Maria: UFSM Ed, 2005.

KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel; Nunes, Maria Fernanda; GUIMARÃES, Daniela (org.) *Infância e Educação Infantil*. São Paulo: Papyrus, 1999.

KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel. *Infância: Fios e Desafios da Pesquisa*. São Paulo: Papyrus, 1996.